

GRACIOSA PEÇA
INTITULADA:
O BRUXO POR ARTE,
E O
TUTOR DESENGANADO.

ACTORES.

Geronte, Tutor. *Andreza*, Criada.
Libania, Pupilla. *Ramiro*, Amante de Libania.
Morcêgo, Criado de Geronte.

SCENA PRIMEIRA.

Casa de Geronte.

Ger. **E**U te enredo maldado moço, são estas horas, e ainda não chegastes: quero ir fóra a comprar os trastes para o meu casamento com a senhora Libania. Ora v. m. senhor Geronte, era bem aiso em ter criado huma menina na sua casa tão formosa, rica, e prendada, e sendo seu Tutor, deixar fugir o pafaro da gaiola para ir dar comfigo no visco de algum tratante, que lhe comesse o seu cabedal: nada nada, primeiro estão dentes que parentes; eu não tenho filhos, e preciso de hum herdeiro, a quem deixe o meu dinheiro; porém ella ahí vem.

Sabe Libania.

Lib. Que novidades são estas de grades de ferro pelas janellas? temos a casa em ar de Limoeiro?

Ger. Ahí temos o caldo entornado. *à parte.*

Lib. Não me responde?

Ger. Minha querida menina, isto he por conta dos lairdões, porque ha agora muitos, e como nós somos só tres pessoas em casa, quero guardar o seu, e o meu dinheiro.

A

Lib.

Lib. Ora veja se me logra com essas armadilhas.

Ger. Ella he mais esperta do que eu imaginava. *á parte.*

Lib. V. m. depois que se lhe metteo na cabeça o flacto de querer casar, quando devia de cuidar em se pôr bem com Deos, porque já vive por milagre, anda com estas visagens, e sentinellas; pois olhe delengane-se, que se o pertende fazer comigo, perde o seu feitio.

Ger. Com v. m. mesmo he que ha de ser.

Lib. Comigo? pois não coração: melhor sorte me dê Deos; soffrello? ter por marido hum retrato da eternidade? hum volume de rabugem? Cuspo-lhe no agouro.

Ger. Porque sou já crescido em annos he que quero casar com v. m., para termos a quem deixar os nossos bens.

Lib. Os seus deixe-os aos pobres a quem os tem tirado com usuras, e os meus eu cá disporêi delles.

Ger. Ora diga-me, meu bem; porque me despreza? tão máo sou eu quando me viсто em corpo com o meu espadim de prata, e a minha cabelleira de bolsa?

Lib. He bem posto com hum pão no meio da rua: olhe cá, tome o meu conselho, case com huma velha da sua idade que se conçolem hum ao outro com a rabugem da velhice, mas comigo, salva tal lugar.

Ger. Se v. m. me víra ha hum pár de annos atraz, quando eu era gentil como huma dama, e tinha huns olhos que eram gabados, veríamos se lhe parecia bem.

Lib. Pois agora que he huma arrã vestida de homem, com dois olhos de couve lombarda, assim mesmo encarquilhados, busque do seu tempo da gentilomeza, quem o ature.

Ger. Olhe meu bem, hei de dar-lhe muita cousa, hei de comprar-lhe hum vestido de seda.

Lib. Sim, de sarapilheira seria, pois dadiva maior se não póde esperar do seu generoso animo.

Ger. Hei de comprar-lhe muitos trastes.

Lib. Não faça mais despeza, basta v. m., que he hum bom

bom traste, só tem de mão o não ser da moda, e ter muito caruncho.

Ger. Minina, trate-me com mais respeito, bem sabe que faço o lugar de seu Pai.

Lib. Pelos meus grandes peccados, em quanto vi a v.m. nessa figura tratava-o com muita attenção, mas agora que o vejo possuido de loucuras alheias da sua idade, faço tanto caso do seu respeito, como do seu affecto.

Ger. Ora não seja tyranna: olhe que ha de passar comigo huma vida gostosa e alegre.

Lib. Quem se póde alegrar em companhia da morte des-carnada? Em huma palavra, não me seque, não quero, e tenho djto: não me falle mais em nada, que antes tomaria hum veneno, que ficar toda a vida empéstada na sua companhia. Anjo bento, isso não, antes morrer.

Ger. Esse máo: então ficava eu por seu herdeiro.

Lib. Não se faça com terra, que antes eu faria doação a certa pessoa.

Ger. A estas horas já v. m. tem afeirado algum Peraltinha da moda, que lhe venha comer o que lhe deixou seu Pai?

Lib. O' se tenho: he hum rapaz de 22 annos, gentil, direito, prendado, rico, e...

Ger. Basta, basta, isso são alcunhas que v. m. lhe põem.

Lib. Destas nunca v. m. teve, mas sim as de milero, ambicioso, usurario, e o mais que não digo.

Ger. V. m. está absoluta, como nunca imaginei, e eu julgava que era huma pomba sem fel.

Lib. Os surdos fazem fallar os mudos: quem póde supportar as suas misérias, e o seu amor com a sua antigalha ás costas? Adeos, senhor, temos conversado muito, e já não estou para o soffrer mais.

Ger. Tome a sua resolução, e não se arrependa: eu bem sei que me quer bem, porque quem desdenha quer comprar.

Lib. Ai, que sem savoria, se eu o não quero dado, quanto mais comprado.

Ger. Aposto que ainda hoje ha de mudar de parecer , e me ha de dizer que sim ?

Lib. Espero no Ceo dê não endoudecer.

Ger. Adeos, amorinhos , tenho que fazer , e por isso não me aproveito mais tempo de tão amavel companhia.

Lib. Não se mate ; favoreça-me com a sua ausencia.

Ger. Adeos, meu benzinho. Adeos. Aí que morro. *Vai-se.*

Lib. Quem me dissera a mim , que depois de meu Pai me criar com tanto mimo , havia de vir parar ás mãos desta ave de rapina , que não só se aproveita do que he meu , mas trata-me conforme a sua alma ambiciosa ; e o mais que me afflige he o embaraço , em que me põem , com as idéas de casar comigo , porque me faz huma exacta sentinella , de fórma que não posso fallar áquelle , a quem tenho escolhido para me refutar das unhas do maldito velho.

Sabe Morcégo com huma alcosa.

Morc. Senhora Libania , v. m. aqui só , e pensativa ? faz-me compaixão o seu destino.

Lib. De donde vens , Morcégo , a estas horas ?

Morc. Fui comprar o jantar , pois o Senhor Geronte ao meio dia he que se lembrou que tinhamos barriga , e que era dia de comer.

Lib. E que trazes ?

Morc. Segundo o decreto da miseria , o costumado ; isto he , huma abobora , e creio que levarei alguma bofetada , ou se me descontarão no meu ordenado dez reis de tomates que comprei sem ordem superior.

Lib. Já estou cansada de tanta penuria : se eu não possuir bens , paciencia ; mas tendo-os , custa-me a soffrer este horrendo passadio : veio o tempo das aboboras , e não teremos , em quanto as houver outro guisado . ,

Morc. Dizem que as abobras vão ás barrigas das pernas , mas não ha tal , porque o maldito velho cada vez as tem mais descarnadas.

Lib. Dize-me , viste hoje o meu Ramiro ?

Morc. Não , senhora , e desejo fallar-lhe , pois tenho que lhe dizer , sobre huma encommenda que me fez.

Lib.

Lib. Se tu seguias o nosso partido, serias ditoso, porque tanto elle como eu te haviamos recompensar bem o que fizesses a nosso beneficio.

Morc. Nisso não tenha dúvida, que hei de fazer o que puder, só para^a tirar da cabeça ao nosso ginja o vicio de querer casar, quando já tem metade do corpo na sepultura, para o que eu vou já pôr estes viveres na cozinha, e parto a ver se o encontro na casa do café.

Lib. Pois vai, e dize-lhe da minha parte, que estou desesperada, e que se não me resgata deste cativeiro, que me achará morta quando me quizer.

Morc. Mas tenha esperança de rescucitar em abobora: eu vou, e lho pintarei melhor do que v. m. o diz. *Vai-se.*

Lib. Se nos apertados laços do amoroso Hymeneu, me vejo, nada me resta no mundo que desejar. *Vai-se.*

Praça com casas de Geronte todas gradeadas.

Ramiro passeando.

Ram. Que novidade será esta? as janellas das casas de Geronte todas com grades de ferro imitando a carcere? aqui ha grande causa; eu não sei o que signifie: mas ahi vem Morcégo.

Sabe Morcégo.

Morc. Dito e feito. Lembrou-me que acharia a v. m. aqui, e não me enganei.

Ram. Conta-me, Morcégo, o que vai de novo, que historias são estas? Porque mandou Geronte pôr grades de ferro nas janellas?

Morc. Dê v. m. graças a Deos não pôr tambem a senhora Libania a ferros em algum degredo, porque depois que se lhe metteo na cabeça o fiacto de querer casar com ella; anda com tal ciume, que até do vento me parece que o tem, dos ratos, e dos gatos; em fim, está lastimoso.

Ram. E Libania que diz a isso?

Morc. Que ha de dizer, faz escarneo d'elle, e diz-lhe cousas que só hum desavergonhado as soffre.

Ram. Meu Morcégo, vê que remedio havemos de dar in-

para se tirar do poder daquelle ambicioso, a pobre victima, e o seu cabedal; e se tu com algum subtil invento vences esta difficuldade, experimentarás a minha recompensa; tu és ideoso, e podes, se quizeres, fazer-nos felizes.

Morc. Ora deixe-me pensar hum pouco, e bater na testa, fazendo os meus entes de razão: = Nada, nada, isto não serve; = por aqui não vamos bem.

Ram. Tu que res. . . .

Morc. Espere, não me falle á mão, que tenho quasi engrolado o negocio; bravo, bravo, eu sou o primeiro homem para estas manobras; ora escute, e veja as minhas idéias: Quando andei por Castella, estive com hum homem, que fazia cousas raras, mudava as figuras das gentes, fazia dos homens animaes; e tudo isto lhe custava pouco: em fim, fazia o diabo a quatro.

Ram. Isso seria mágica branca.

Morc. Não, senhor, era amarella.

Ram. Sempre gracejas quando estou desesperado; sempre gastas bom humor.

Morc. Se gasto o bom he peor para mim, porque me fica o máo; mas como lhe vou dizendo, eu delle aprendi algumas bagatellas, porém não me fio de v. m. que em se apanhando servido, entra a dizer que sou feiticeiro, e adeos, pobre Morcêgo, prégão-me carocha.

Ram. E's bem asno: pois achas-me capaz disso?

Morc. Eu vejo caras, não vejo corações.

Ram. Podes estar certo, que em lugar de fazer-te mal, hei de dar-te com que vivas.

Morc. Está bem, por dó daquelle innocente farei tudo o que puder, não me diga mais palavra, deixe-me fazer as minhas máquinas, que o velho ha de dar ao diabo a cardada; eu o farei desdizer, e dar á nina a sua herança.

Ram. Ah, meu Morcêgo, se tu tinhas tal habilidade, verias quem eu era.

Morc.

Morc. Não me prometta muito que perco a fé, não me demoro, vou principiar a appatente tramaioa, e v. m. fará o que lhe disser em hum papel.

Ram. Amigo Morcêgo, o segredo he a alma do negocio.

Morc. Da minha parte não hei de romper o santo. v. m. não falte com promptidão ao que eu lhe mandar dizer.

Ram. Eu parto. Adeos.

Vai-se.

Morc. Ora muito bem, estou mettido em boa, e quem sabe se ficarei bem da festa, mas em fim animo, e mais animo; hum homem ha de ser resolutio, queira a fortuna não me falte a armadilha, e me renda a empreza alguma carregadeira de páo; em fim, vamos, e verei como saio.

Vai-se.

Sala de Geronte: este, e logo Libania.

Ger. Maldito excommungado Morcêgo, são duas horas, e ainda não appareces; protesto pôr-te com brevidade no olho da rua. Libania? Libania?

Lib. Que mortes de homens são estas? que gritarias? que destemperos?

Ger. Pois não tenho razão, minha rica joia; mandei aquelle marotô buscar o jantar, e ainda não appareceo.

Lib. Elle haverá duas horas que veio, e que pôz na cozinha o necessario para as iguarias.

Ger. Devêras? então tenho que pedir peidão ao pobre moço; e que trouxe elle?

Lib. O costumado, abobora para guizar; para cozer, e para frigir: quando morrer ha de nascer-me na sepultura huma ar ore de abobora.

Ger. Que diz, menina? Abobora he cousa rica para o peito, ella refrefca, e corroborora.

Lib. Pois refresque-se v. m. se o precisa, que eu com tantas frescuras já ando gellada. . . desgraçado di-nheiro foi o de meu Pai!

á parte.

Sabe Morcêgo.

Morc. Que governo de casa he este? ha duas horas que veio o jantar, fallando mal, e acho a moça na cozinha a dormir, sem ao mênos escamar a abobora.

Ger. Ha maior pouca vergónha. Andreza? Andreza?

Morc.

Morc. Não se admire, nem se affulte do que vir, sinja que tem medo, mas não o tenha. *á p. para Libania.*

Chega á porta da cozinha huma figura medonha; vestida de preto, com grandes barbas.

Fig. Senhor, Senhor?

Morc. Oh Ceos! Ai de mim! Sabbado he hoje. *a tremer.*

Ger. Ai, Ai, que figura. Eu morro de susto. *tremendo.*

Lib. Quem me acode, que cousa tão feia. *tremendo.*

Morc. Vai de resto, Satanás. *tremendo.*

Em quanto pantomimão com sustos, desaparece á figura, e em seu lugar Andreza.

And. Então, Senhor, que me quer?

Ger. O' fantasma, não me persegas. *tremendo.*

And. Ui, Senhor, eu sou fantasma?

Ger. Tu não eras ainda agora huma fantasma infernal?

And. Temos a Pascoa ao Domingo; ora esta he fresca, causa-me riso á á á *risse.*

Ger. Eu não me enganei, vossês não virão?

Lib. Pois não; ainda não estou em mim.

Morc. Nem eu, que vi áquella porta huma figura, que me pareceo a alma de algum barbeiro, que pelas barbas, que fez mal escanhoadas, traz aquellas grandes por castigo.

Ger. Ainda não atino a fallar: pois, mulher, eras ou não eras?

Morc. Era o que, senhor? *Ger.* A fantasma?

Morc. Pois a rapariga havia de ser a fantasma?

Ger. Pois vossês todos não virão o mesmo?

Os dois. Vimos. *Ger.* Pois então? *Morc.* Então o que?

Ger. Estou tão affustado, que sinto o coração aos pulso.

Morc. He de gosto, porque tem abobora para refrescar-se.

Ger. O' filho, dá-me aquelle cópo, e aquella garrafa, pois quero beber huma gota de vinho, para ver se me animo.

Lib. Eu estou morta de pavor.

And. Eu estou tola; pois vossas mercês de me verem

ficarão assultados ; fallem-me a verdade : pensarão que eu fosse cousa má ?

Morc. A fallarmos a verdade , nada tens de boa.

And. Peor és tu , ave nocturna.

Lib. Não te vimos a ti , mas huma figura muito feia com os dentes amarellos.

Morc. Ella que mostrava os dentes era sinal de que se estava rindo.

Ger. E que barbas ! que barbas !

And. Eu não senti , nem vi nada , agora já não torno á cozinha ; o Céu me livre , já tenho os cabellos arrepiados.

Ger. Morcego , dá-me a garrafa , que te pedi ; dá cá , filho , huma gotinha.

Morcego com a garrafa e côpo , e quando o encher se ha de o vinho sumir.

Morc. Ahi vai ; queira Deos que lhe tire esse susto , e que o alegre : *vinus letificare cordibus homo.*

Ger. A menina assultou-se ? *Morc.* Assim assim.

Ger. Tevé cuidado em mim ?

Morc. Se o tinha fingia bem que não.

Ger. O a deita , homem : tu não deitas ?

Morc. Pois que faço eu ? *Enche o côpo , e some-se o vinho.*

Ger. Que he isto ! que foi feito do vinho ?

Morc. Creio que o bebo o barbas de hysôpe. Ai , senhor ...

Voa a garrafa.

Ger. Isto não he natural : ir-se huma garrafa de vinho pelos ares , sem eu provar huma só pinga , não me cheira bem.

Morc. Seria o vinho feito á prova de azeite : mas donde foi ter a garrafa ? Eu estou frio de neve.

Ger. E eu sem pinga de sangue.

Morc. Olhe , senhor meu amo , hontem á noite me derão hum assopro n'hum ouvido , que mais de duas horas não sube da cabeça.

Ger. Pelo que vejo temos cousas más em casa ?

Morc. Pois v. m. não está ahi.

Ger. Eu sou cousa má , maroto ?

Morc. Não me tome o recado na escada : eu o que dizia era : pois v. m. não está ahi , que vio o homem barbado ? *Ger.* Isso he outra cousa.

Lib. Senhor Geronte, eu aqui não quero estar nem mais hum instante, por não morrer algum dia de susto.
(Que tal finjo eu? *a Morcêgo.*)

Morc. Optimamente, continue.)

Ger. V. m. quer que eu deixe as minhas casas?

Morc. Isto são casas do diabo; aqui supponho que se enterrou algum usurario *Ger.* O que?

Morc. Não fallo com v. m., que ainda está vivo: são casas aonde se não póde viver; estas paredes estão empeltadas de fome, e de penuria, e v. m. não se defengana.

Ger. Defengana de quê: eu não lhe dou de comer a fartar?

Morc. Sim, senhor, as indigestões são contínuas.

Ger. Que dizes tu, Morcêgo, largo as casas ou não?

Morc. De dois males escolhe-se o menor, e o menor he não ver aquellas caras do Inferno.

Ger. Percebo. Vamos já buscar casas; eu queria receber-me nestas antes do S. João, para que a menina estivesse no que era seu; porém como ella quer, lá nos receberemos.

Morc. Tanto se ha de receber aqui como lá: agora cuida em mudar o cabello, que assim succede ás bestas todos os annos.

Ger. Que dizes tu mandrião?

Morc. Que se póde mudar todos os annos. *Batem dentro*

Ger. Anda comigo, vamos buscar casas. *muito forte.*

Ai, ai; tu não ouviste?

And. Aquillo he bater na porta.

Ger. Morcêgo, vai ver quem he; mas espera que não quero ficar só com as duas raparigas.

Morc. Então como ha de ser isto?

Ger. Eu vou contigo.

As 2. Nada, nada; nós não fiquemos sós.

Morc. Vamos todos de procissão, e he o melhor remedio.

Ger. Vamos, dizes bem:

Ho partir br Geronte suspenso até certa altura.

Ai, ai, que vou pelos ares: quem me leva?

Morc. Ha de ser o das barbas grandes. Senhor meu amo, eu admiro-me de v. m. com esses annos estar tão leve como huma penna. Diga-me, foi algum tempo na sua mocidade arielequim?

Ger.

Ger. Quem me acode que estou suspenso.

Morc. Não fizesse erro no officio.

And. Aqui anda o demonio solto.

Lib. Isto já me vai affligindo ; porém Morcêgo diz-me que não tenha medo.

Morc. Ora vamos , venha para baixo. *desce a tremer.*

Ger. Ai de mim , que he isto que me succede ? eu fui tão longe pelos ares fóra , que todos cá me parecião crianças.

Morc. Criança he v. m. , porque duas vezes o somos.

Ger. Eu fui . . . eu fui ; mas onde fui eu !

Morc. Foi abrir a porta a quem batia . . .

Ger. E quem seria ? *Morc.* Era hum Francez filho de Londres , que lhe trazia huma carta dos Antipodas.

Ger. Não estou certo , são alguns estrangeiros ?

Morc. Sim , senhor , são dois irmãos homens de Negocio. *batem forte.*

Ger. Ai ,ahi tornão a bater , tudo são sustos.

And. Quem me dera daqui fóra.

Lib. Quem me dera ver findas estas tratadas. *batem.*

Ger. Morcêgo ? Morcêgo ? tornão a bater. *tremendo.*

Morc. Não le bulão , que quem quer que he sabe os cantos á casa. *Entra Ramiro embuçado.*

Ger. Que manda , meu senhor. *tremendo.*

Morc. Não faça alguma asneira , que nos entorne o caldo ; faça o que lhe dizia o papel. *á parte á Ramiro.*

Ram. Senhor , eu tinha hum negocio com v. m. de grande consequencia , e preciso communicar-lho só por só.

Ger. Só por só não , meu senhor : olhe v. m. , estas casas ha dias estão assombradas de cousas más ; olhe , ainda agora , me levantárão no ar , ainda estou tremendo ; nestes termos , senhor , não posso ficar só.

Ram. Deixe-se de imaginações ; estas casas são bonitas , e v. m. aqui nellas se ha de casar.

Ger. Sim , meu senhor , isso queria eu , mas estas fantasmas . . . eu não tenho animo para nada.

Ram. Não tenha medo que fica comigo , mande a sua gente para fóra , que nisto está a sua felicidade , e a minha , porque aqui nesta casa ha de a senhora Libania ter filhos seus herdeiros.

Ger. Quem lhe disse a v. m. do meu casamento ?

Ram. Quando v. m. souber quem eu sou , não se ha de admirar ; em fim , mande para fóra a gente.

Ger. Menina , vá lá para dentro com esses criados , e se ouvirem cousa de medo venhão depressa para fóra.

Morc. Qual medo nem meio medo ; (ainda que elle grite não se lhe acuda, que he a chave do jogo. *á p. a Lib.*

And. Ai , senhora , aquelle parece o seu amante.

Lib. Se eu o chego a alcançar . . .

Morc. Caluda , vamos para dentro: *vão-se os 3.*

Ger. Pois meu Cavalheiro , ainda me tremem as pernas ; sentemo-nos para aqui. Ram. Para onde v. m. quizer.

Ger. Ora diga o seu negocio.

Ram. Trago aqui hum carta ; porém eu não a acho.

A este tempo já a carta estará no chão , e Ramiro faz que a busca.

Ger. Cá está no chão : donde he esta carta ? Ai , ai.

Ao tempo que pega na carta , arde-lhe na mão , e de repente se muda a figura.

Ram. Do inferno.

Ger. Ai , ai : ó gentes ? Ai que estou sem falla. *cabe.*

Ram. Não he nada , não he nada : não me conhece ?

Ger. Não , meu senhor.

Ram. Lembra-se de Ferrabás d'Alexandria ?

Ger. Sim , meu senhor.

Ram. Pois sou eu , que estou no inferno ao pé do Sr. seu Pai.

Ger. Ai , dê-me licença , meu senhor , que não estou bom.

Ram. Alto lá , não se bulla , arrebente , e calle-se , quando não vai já para o inferno : ouça a carta de seu Pai.

Ger. Meu Pai está no inferno ?

Ram. Assim o estivera v. m. ; mas como a carta se queimou , eu lhe digo o que continha : seu Pai manda dizer-lhe , que logo logo entregue o dinheiro , que v. m. tem na sua mão , daquella orfãa , de quem he Tutor.

Ger. Eu queria casar com ella , para tudo ficar em casa.

Ram. Queria hum dardo ; faça-se agora mais asno do que he. Mandava-lhe dizer , que deixasse á menina seguir o seu destino , aliás o vem buscar pelas mesmas culpas , pelas quaes está penando.

*Em quanto Geronte se volta para ver se vem
alguem, desaparece Ramiro.*

Ger. De fôrma, meu senhor Ai, ai, foi-se como
hum passarinho. O' lá, gente?

*Ao querer gritar não pôde, e tremendo com
as pernas se ergue.*

Sabe Morcêgo, e Libania.

Morc. Que he isto? Que tem? Que sustos são estes?

Lib. Já já para fóra destas casas.

Ger. Dis gra disgrá Ai que morro.

Morc. Respire; dê hum berro bem grande: quer beber
alguma coufa?

Lib. Falle, senhor, diga o que vio?

Ger. Eu não sei o que vi: dem-me agoa.

Morc. Agoa? Deos o livre, que lhe pôde dar alguma
appoplexia, pois tem o sangue amofinado.

Ger. Estou de fôrma que preciso sangrar-me.

Morc. Pois então que lhe succedeo?

Ger. (Se dou o dinheiro, fico sem elle, e sem ella; se
o não dou, vou para os quintos: eu não sei que faça.

Ao fallar consigo ouve huma voz que diz:

Se não fazes o que teu Pai te manda, já te avançamos.

Morc. Senhor meu amo, acuda-me.

Ger. Morcêgo, não me desampares.

Lib. Eu quero-me ir destas casas.

Ger. Eu estou perplexo. Menina, deixe-me só com Mor-
cêgo, que tenho que lhe communicar.

Lib. Eu lhe obedeco: vou gellada de susto. *Vai-se.*

Morc. Brevemente lhe ha de passar.

Ger. Meu Morcêgo, tu sempre fostes meu amigo.

Morc. Boa dúvida. Quem tem v. m. que mais lhe queira?

Ger. Eu pertendia casar-me com esta menina.

Morc. Fazia huma asneira. **Ger.** Sim?

Morc. Pois casar com huma rapariga contra sua vonta-
de, hum homem da tua idade, por força ha de pa-
decer dôr de enxaquéca.

Ger. Eu queria ficar juntamente com o grande cabedal
que seu Pai lhe deixou, para fazermos huma boa ca-
sa nos nossos filhos.

Morc.

Morc. Que lhe importa a v. m. filhos alheios?

Ger. Alheios? pois não havião de ser meus?

Morc. Eu fallo quanto á menina.

Ger. Agora percebo. E nesta conformidade queria comprar algumas cousas para nos recebermos.

Morc. Porém ella que não quer de fórma nenhuma.

Ger. Ella havia de vir a cahir na razão.

Morc. Ella era tola, que comprasse pelo seu dinheiro o curar-lhe as fontes, a impertinencia, e a rabugem? Ora, senhor, deixe-se dessas cousas.

Ger. Escuta, filho, ainda agora aquelle homem que tu viste, não era homem, era Ferrabrás.

Morc. Quem? o filho do Almirante Balão?

Ger. Esse mesmo.

Morc. V. m. está fazendo escarneo de mim? pois havia de vir procurar hum homem tão valente a v. m., que nunca teve brigas, nem espada?

Ger. Ora attende, era elle mesmo, que está no inferno ao pé de meu Pai; e por elle me avisou, que entregasse o dinheiro a orfãa, e a deixasse na sua liberdade.

Morc. Alto, já já fazer isso que lhe manda o senhor seu Pai; ainda ha boas almas: não se exponha a hir comer tigelladas de viboras feitas em chumbo derretido, temperadas com enxofre. Ah, senhor meu amo, antes abobora e mais abobora neste mundo: cuide em si, pois arrisca-se a morrer ao seccar das fontes.

Ger. Para o verão? *Morc.* Das suas fontes he que fallo.

Ger. Tómo o teu consêlho, tu não has de ficar mal no meu testamento.

Morc. Se me poder dar alguma cousa antes, bom seria, porque em v. m. morrendo, eu acabarei de pressa. *chora.*

Ger. Coitado, és bom moço; ora basta basta: ora pois vai chamar a menina, que venha aqui já.

Morc. Ella ahi sem que eu a chame.

Sabe Libania.

Lib. Logo que me chamastes vim correndo.

Morc. E quem a chamou? *Lib.* Pois não fostes tu?

Morc. Eu? isto he mais! (vá mais esta pirola, para se não arrepender. *d'parte.* Eu, senhora, não me tirei daqui.

Ger.

Ger. Certamente que não.

Lib. Pois tu não entraste aonde eu estava?

Morc. Esta casa ha de mister benzida ; o que falta he quebrarem nos as pernas , e tornar-se o dinheiro em carvão.

Ger. Menina , (muito me custa esta palavra) eu quero dar-lhe a sua legitima com os seus juro , não quero que me succeda o mal que me ameaçaõ ; já não quero casar , quero aproveitar melhor o tempo , fazer bem aos pobres , e cuidar na minha alma.

Morc. Ha males que vem por bem : aqui se vê por brincadeira , o homem máo reduzido a bom.

Lib. Senhor , louvo-lhe as suas intenções , porque são de Catholico : eu tenho escolhido , como já lhe disse , pessoa de todo o merecimento , logo virá á sua presença , e nos receberemos , segundo as suas expreções.

Ger. Nada , nada ; não haja demora : Morcégo , vai chamar esse tal senhor , que Libania te disser , e que venha já.

Morc. Eu vou mais que de pullo. *Vai-se.*

Ger. Menina , em quanto não vem vou conta-lhe o seu dinheiro , e já lhe trago o que lhe pertence. *Vai-se.*

Lib. Graças á minha sorte ; agora ferei feliz na companhia do meu amado Ramiro ; o seu genio me promette huma brilhante tranquillidade , sendo a união gostosa , quem forme o nosso descanso.

Sabem Ramiro ; e Morcégo.

Morc. O tamanhão vem chorando de gosto.

Ram. Pois , adorada Libania , *beija-lhe a mão* , os meus sentimentos honestos sempre forão para a nossa união : eu não a procurei (como vulgarmente succede) para resgatar a penuria ; mas sim para ter a companhia de huma Esposa virtuosa , e dotada de tão boas qualidades.

Lib. Conheço o quanto devo á sua paixão extrema , e sincera : eu da minha parte lhe recompenso igualmente ; e o Ceo permitta felicitar-nos a paz , e união.

Morc. Não ha cousa melhor do que estarem em colloquios , sem fazerem caso de quem lhe metteo o navio pela barra dentro.

Ram. O' quanto te devo ; tu serás bem recompensado.

Morc. Ainda assim , eu sempre fiz cousas , que parecião
fei-

16. *O Bruxo por graça, e o Tutor desenganado.*
feiticerias, e sabido o caso, não he mais que huma
certa composição sem nada de Magica, eu o juro:
mas:ahi vem o velho.

Ger. Morcego, Morcego? *Morc.* Senhor, senhor.

Ger. Vem cá. *Vem Morcego com hum faco, e Geronte com outro.*

Ger. Senhor Cavalheiro, não tenho a honra de conhecello; mas por certas razões particulares, creio que he tão bom partido para Libania, como ella para v. m.; e do seu juizo não esperava menos: aqui estão quarenta mil cruzados, e os seus juros, que são a legitimia de seu Pai; e estes dez, são com que eu a quero dotar pelas loucuras que me soffreo.

Ram. Senhor Geronte, a minha obrigação será eterna; em nós tem v. m. dois filhos obedientes, e que com elles, se for do seu agrado, poderá viver descansado.

Lib. Sim, meu Pai, para satisfazer-lhe o trabalho que lhe tenho dado, eu quero tratar a v. m. como meu Pai, pois esta acção da sua bondade me obriga muito.

Ger. Aceito o partido, e deide já lhe entrego toda a minha casa, e quanto tenho nella; porque hoje estou já em outra resolução; porém quero que nos mudemos destas casas mal assombradas.

Morc. Estavão mal assombradas pelo pouco que nellas havia de lambédine; mas agora com o mesmo conjuro se desterrarão as coulas más, e a semente das aboboras.

Ger. Conclu-se o casamento, dem ao meu coração prazer.

Ram. Anada... *Lib.* Querido esposo... dão as mãos.

Or. 2. Por gosto sempre beijemos os laços de Amor diuturno.

Morc. Viva e reviva, findo o noivado, resta applaudir-se cantando todos: Hum tão feliz desposorio.

C O R O.

Cantemos alegres em tão feliz dia
Inventos de Amor com doce alegria.

F I M.

Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira. Com Licença da Real
Mesa da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.



TC

32